

Corpos Estelares e Falsos Brilhantes

Diego Pizarro ⁱ

Instituto Federal de Brasília - IFB, Brasília/DF, Brasil ⁱⁱ

Resumo - Corpos Estelares e Falsos Brilhantes

Programa da obra coreográfica *Corpos Estelares e Falsos Brilhantes* (2023), inspirada no universo musical da cantora brasileira Elis Regina (1945-1982). A obra foi desenvolvida num processo de composição em dança que envolveu laboratórios de pesquisa corporalizada a partir de procedimentos criativos somático-vocais, advindos especialmente da anatomia corporalizada do sistema somático Body-Mind CenteringSM. Este investiga profundamente a possibilidade de tocar, mover, vocalizar e soar a partir de quaisquer partes corporais, desde uma célula até o organismo como um todo. A obra teve sua primeira temporada em agosto de 2023 e segue para uma circulação nacional a partir de junho de 2025.

Palavras-chave: Dança Somática. Voz Somática. Dança Vocal. Elis Regina. Body-Mind Centeringsm. Anatomia Corpoética.

Abstract - Stellar Bodies and Fake Brilliants

This is the program of the choreographic piece *Stellar Bodies and Fake Brilliants* (2023), inspired by the musical universe of the Brazilian singer Elis Regina (1945-1982). The piece was developed through a dance composition process that involved embodied research laboratories informed by somatic-vocal creative procedures, especially based in the embodied anatomy of Body-Mind CenteringSM (BMCSM) somatic system. BMCSM investigates deeply the possibility of touching, moving, voicing and sounding from any part of the body, from a cell to the organism as a whole. The piece had its premiere and first season in August 2023 and will be released nationally starting in June 2025.

Keywords: Somatic dance. Somatic voice. Vocal dance. Elis Regina. Body-Mind CenteringSM. Corpoethics Anatomy.

Resumen - Cuerpos Estelares y Falsos Brillantes

Programa de la obra coreográfica *Cuerpos Estelares y Falsos Brillantes* (2023), inspirada en el universo musical de la cantante brasileña Elis Regina (1945-1982). La obra fue desarrollada en un proceso de composición en danza que involucró laboratorios de investigación corporalizada a partir de procedimientos creativos somático-vocales, provenientes especialmente de la anatomía corporalizada del sistema somático Body-Mind CenteringSM. Este investiga profundamente la posibilidad de tocar, mover, vocalizar y sonar desde cualquier parte del cuerpo, desde una célula hasta el organismo en su conjunto. La obra tuvo su primera temporada en agosto de 2023 y sigue para una circulación nacional a partir de junio de 2025.

Palabras clave: Danza somática. Voz somática. Danza vocal. Elis Regina. Body-Mind CenteringSM. Anatomía Corpoética.

**AQUÁRIO
DE ALMAS
SUTIS**

●
corpos estelares
e falsos brilhantes

Direção Geral, pesquisa, concepção e coreografia: Diego Pizarro
Assistência de direção e coreografia: Sabrina Cunha
Preparação musical, direção rítmica e ensaiadora: Victória Oliveira
Direção de Arte, Cenografia e figurinos: Roustang Carrilho
Criação musical: João Lucas, incluindo releituras de canções de Paulinho da Viola, Gilberto Gil, Roberto Carlos/Erasmão Carlos, João Bosco/Aldir Blanc, Edu Lobo/Vinicius de Moraes, Milton Nascimento/Ronaldo Bastos, Milton Nascimento/Fernando Brant e Dante Marchetti/Maurice de Féraudy/Armando Louzada
Consultoria em dramaturgismo: Nayara Brito e Tarina Quelho
Fotografia: Tom Lima e Thiago Sabino
Maquiagem: Sandra Kelly
Iluminação: Ana Quintas
Pessoas dançarinas: Camilla Nyarady, Cleani Calazans, Guilherme Victor, Isabel Oliveira, Romulo Santos, Rômulo Viana Costa.
Dançarina estagiária: Rosana de Souza
Produção: LINHA 3 produções culturais
Assessoria de Imprensa: Josuel Junior
Designer gráfico: Ricardo Augusto Mendes dos Santos

Agradecimentos: Sulian Vieira Pacheco, Márcia Luslva, Anastácio Reis (Charllys Reis), Casa Esquina Criativa, Larissa Lamarck, Tribal Alimentação, Instituto Federal de Brasília, Universidade de Brasília, IFestival Dança.



Aquário de Almas Sutis: corpos estelares e falsos brilhantes é uma ode somático-performativa ao universo musical da cantora Elis Regina, aprofundando-se nas questões que envolvem os temas políticos, sociais e relacionais das músicas que fazem parte do seu repertório, e atravessadas pelas pessoas artistas envolvidas na criação da obra. A dança, as práticas somáticas e a pesquisa vocal são elementos presentes no processo criativo, a fim de experimentar modos integrados de criação em dança.

A obra coreográfica também é um desdobramento do solo ***Élice***, criado e dançado em 2016, por Diego Pizarro, na continuidade de suas pesquisas com este universo musical e biográfico da cantora.

Elis Regina cantou sobre o povo brasileiro. O seu repertório e o arrebatamento de suas interpretações fizeram dela uma cantora popular. Como consequência, exportou música popular brasileira de qualidade para diversos países. Os aspectos sociais e políticos da obra de Elis são evidenciados pelas letras das músicas que escolheu para o repertório de seus discos. Em se tratando de música, ela ainda militou incessantemente por sua classe, lutando a favor dos direitos das pessoas trabalhadoras da música em diversas ocasiões.

Trazer Elis Regina para um palco de Dança é resgatar o poder do apelo social e político de sua arte. Sua música é provocativa, assim como seu desempenho cênico. Resgatar o acervo musical e biográfico da cantora para montar uma obra de dança contemporânea com artistas do Distrito Federal é resgatar o legado da arte brasileira e atualizar em dança um universo menos conhecido das novas gerações.

Diego Pizarro



Esta obra coreográfica, além de ser uma pesquisa artística por natureza, também é um dos resultados de uma pesquisa de pós-doutorado realizada pelo professor Dr. Diego Pizarro, bolsista CAPES/Brasil, de setembro de 2022 a agosto de 2023 junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa intitulada como ***Cosmologias somáticas da voz na experiência da Prática Artística como Pesquisa: dançando o universo musical da cantora Elis Regina*** tem supervisão da professora Dra. Sulian Vieira Pacheco.

A pesquisa é movida pela Somática como um modo de estar no mundo, um paradigma alternativo para o desenvolvimento de conhecimento e um tipo de prática cuja sabedoria encontra-se nos tecidos corporais em relação ao ambiente. Aproximando-se de uma noção ampliada da Somática, é possível afirmar que se trata de um campo epistemológico contemporâneo transdisciplinar de ecologia profunda na primeira pessoa do plural, movendo dimensões indisciplinadas, como defende Pizarro em sua tese de doutorado escrita em 2020.

A práxis somática como conhecimento amplia as noções críticas sobre este campo, considerando a diversidade de seu terreno de ação, de suas metodologias, seu alcance e seus desdobramentos contemporâneos. Estes são apontados como um desenrolar significativo de aspectos latentes já presentes na própria definição original de Somática dos anos 1970, para nomear um possível novo campo de conhecimento agrupando diferentes sistemas, métodos e técnicas preocupados com a saúde e a expressão, moduladas pela mudança de hábitos nocivos, repadronização e reconfiguração postural e expressiva, além da noção holística vivencial de corpo como totalidade. A noção grega de soma como corpo vivo, balizada pela multiplicidade de acepções do termo na própria cultura grega secular e nas reverberações advindas da cultura védica antiga e do uso bíblico, evidencia cada vez mais que Somática é um campo da diversidade, do conhecimento como experiência e da pesquisa como realidade corporalizada.

Nesta pesquisa, a Arte é o terreno da prática e a Somática é a condutora do processo, no intuito de corporalizar os princípios vocais presentes em diferentes práxis somáticas e realizar experimentos artísticos em laboratórios de Prática Artística como Pesquisa para compor obra coreográfica atravessada pela experiência da Somática da Voz e suas cosmologias.



Gosto de lembrar que o processo de criação artística de uma obra coreográfica é feita de vida se encontrando e movendo fluidos, alterando espaços e configurações de micro mundos na relação entre dança e composição tecidos no dia a dia dos ensaios. Nesse aquário, em que o elemento de referência para a pesquisa com dança foi a obra da cantora Elis Regina, da escuta e mergulho em sua voz, emergiram danças e músicas, como se fosse num tempo outro; atualizado? Ou ainda, talvez, de longe, como quem entende o silêncio da profundidade de grandes peixes; pelas letras das canções cantadas por ela, Elis é refletida nas experiências corporalizadas e de vocalização, pelos olhares flutuantes no espaço reverenciado pelo reconhecimento das células e que resultaram na transparência das danças que compõem esses corpos estelares e falsos brilhantes.

Sabrina Cunha

Gratidão à data de 17 de março de 1945, o dia em que nasceu um ícone musical, Elis Regina Carvalho Costa. Ela nos presenteou com composições e parcerias que exploraram universos e impulsionaram novos significados na arte. Embora lamentemos a tragédia de sua morte em 19 de janeiro de 1982, encontramos consolo na forma de celebração de dançar ao som de sua voz e novas composições em música.

A morte pode ter o significado de um novo começo, uma renovação para os que permanecem em vida. O legado deixado por Elis Regina continua vivo em sua obra, inspirando gerações futuras a enxergar a música e a arte com olhos renovados.

Seu talento transcende gêneros, gerações e fronteiras, tocando corações e estimulando mentes como as nossas. Elis Regina: uma luz brilhante no universo da música, guiando-nos por novos caminhos e ampliando nossas percepções artísticas.

Victória Oliveira



BIOGRAFIAS COM ELIS

processo de criação de narrativas ficcionais em imersão com vida e obra de Elis Regina

Essa música que se refere à mudança das estações... mas que soa muito mais profunda ao retratar o grande volume de água que cai com as chuvas neste mês... levando tudo com o vento, também leva as tristezas, como em um processo de limpeza pós carnaval, trazendo a sensação de recomeço ou desesperança. E isso na interpretação de Elis fazia muito sentido no auge dos meus quase 17 anos. Era tempo de escolhas, de momentos futuros, de planos e de tomada de decisões quanto a seguir a carreira que já havia começado anos antes, na infância, e que já tomara como certa para a vida. A arte que sempre me tocou o coração, a dança, esta linguagem do sensível, do sensorial e do imaginário...

Coisa que Elis sabia fazer bem: traduzir o sentido das músicas que cantava para a vida.

Na minha infância, escutava muitos boleros que meu pai amava, e também os LPs da minha mãe, de onde a voz de Elis Regina soava e nos tocava, enchendo a casa com suas melodias e letras marcantes. Era como se ela dançasse com a voz. Anos mais tarde, de uma janela vizinha ecoava uma voz masculina que cantava junto com o toca-discos com tanta força e emoção, que aquilo chamou minha atenção. A voz do vizinho se misturava à voz da Elis e ressoava verdadeiramente em seu peito, trazendo lágrimas, suor e força. Era como se o cantor de porta tivesse vivido nos tempos da ditadura, época em que a canção "Como Nossos Pais" foi lançada. E na voz lendária de Elis ecoava ainda mais como um mantra ácido que traz a frustração da juventude da época em viver as mesmas lutas das gerações anteriores, sem sentir ou enxergar as mudanças, seja pela repressão ou pela própria inércia. Todas as vezes que ouço essa música na interpretação de Elis Regina, as lágrimas escorrem pelo rosto. Não vivi na época de plena ditadura, mas nasci em meio a ela nos anos 78, ainda sob sua influência. Talvez tenha sido isso que me fez perceber desde muito cedo as injustiças e discriminações que observava ainda criança, principalmente em relação às mulheres. Isso formou minha personalidade e modos de atuação no mundo. Antes a canção me levava a um estado de reflexão sobre como ainda em pleno século XX não conseguimos mudar coisas básicas de justiça social. Hoje, no século XXI, me remete à maternidade e ao conceito de ser mulher, nessa dicotomia que permeia minha própria vida, carreira e o conflito geracional com a filha. Faz-me lembrar e sentir no corpo essa velha cobrança às mulheres... de serem excepcionais em todos os campos da vida, de receberem críticas de todos os lados, inclusive e sempre dos próprios filhos, que mesmo ainda em novas gerações se acomodaram. Não tem como não se emocionar ao ouvir essa canção e não sentir essa "ferida viva do meu coração". A voz de Elis é um reflexo profundo das histórias contadas e cantadas por ela, com o poder de penetrar em nossas vidas.



BIOGRAFIAS COM ELIS

processo de criação de narrativas ficcionais em imersão com vida e obra de Elis Regina

Maria aos 16 anos paria o primeiro filho às 10:30 da manhã, em setembro de 1994, no hospital público de Taguatinga Norte, Brasília-DF. Essa garota adolescente se via perdida, abandonada pelo homem que não queria assumir sua paternidade. Foi um caso como tantos outros, homens abandonando famílias para viver suas falsas liberdades e Marias aprisionadas ao destino de serem pai e mãe ao mesmo tempo. “Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta...” Minha vida com Elis Regina começa aqui, com as Marias que compõem meu ser, com as Marias que me deram amor e me mostraram a liberdade, Marias que me encorajaram a ser eu mesmo sem repressões. Marias empoderadas e sensíveis, extremamente sensíveis. Marias que curam meus medos e anseios. Marias que me ensinam a ter fé e a manusear ervas... mãe, avó, bisavó. Quanto aos meus relacionamentos amorosos com outros homens, algumas escolhas foram difíceis de me perdoar, e a voz de Elis ecoava em diversos momentos dessas trajetórias. Elis Regina, hoje, é um presente para meu amor.



BIOGRAFIAS COM ELIS

processo de criação de narrativas ficcionais em imersão com vida e obra de Elis Regina

Ainda criança, tenho na memória meu pai sendo carregado às pressas numa noite para o hospital por minha mãe e meus tios. Distraída, vi pequenas luzes coloridas dentro do carro, era um rádio, e baixinho tocava uma música... "Os sonhos mais lindos sonhei"... por um momento, esta frase e aquela voz ficaram na minha cabeça. Anos mais tarde reencontrei a música num CD que minha mãe resolveu escutar. Lembrei-me imediatamente daquele susto e da voz suave que ouvi no rádio do carro. Corri para a sala e vi o nome da música: "Fascinação". Minha mãe me disse que a primeira vez em que conheceu Elis foi nos anos 90, numa entrevista com Gilberto Gil e Jair Rodrigues, quando falaram da parceria e do talento da cantora. Nessa época, ela lembrou quando foi à passeata pelo impeachment da presidência da república em 1992 e que músicas da Elis eram bastante presentes na cantoria desses jovens.

Sempre que tocava "Como Nossos Pais" em casa, percebia meus pais viajando sem sair do lugar... A trajetória da Elis e o meu reencontro com sua voz neste momento tem me causado maiores impressões da sua forma de ser baixinha, marrenta, valente, talentosa e uma mulher à frente do seu tempo.



BIOGRAFIAS COM ELIS

processo de criação de narrativas ficcionais em imersão com vida e obra de Elis Regina

Era uma noite de terça-feira do ano de 1994, a lua estava nova em um céu escuro com poucas estrelas visíveis que eram ofuscadas pelas luzes da cidade de Brasília. Ela, como de costume, tomava sua taça de vinho tinto e colocava as pernas cansadas para cima depois de um longo dia de trabalho e respirava a sua solidão em seu apartamento na Asa Norte. O aparelho de som, quase sempre ligado e no volume máximo, era sua principal companhia nesses momentos que mergulhava em sua própria presença enquanto seu companheiro estava a tocar e a farrear nos shows e na noite da capital brasileira.

O disco que tocava era Elis por Ela, lançado no ano de 1980, um dos álbuns mais apreciados por ela da cantora Elis Regina. Como de hábito, foi ao banheiro antes de ir pra cama. Num rompante, deu se conta de que sua bolsa havia estourado. Cheguei ao mundo numa quarta-feira de lua nova, na cidade de Brasília. Minha mãe me conta que a trilha sonora que a acompanhava nesse período até meus poucos anos de idade era composta principalmente por músicas interpretadas por Elis.

Quando eu era criança, queria ser cantora. Ganhei até um microfone da minha madrinha. E tinha uma música em especial que sempre me deixava envolvida, era "Trem Azul", interpretada por Elis. "O sol na cabeça..." E aquilo me levava a ser mais sol em tardes de uma criança só. Lembro-me que a primeira vez em que dancei na escola foi ao som de "O Bêbado e o Equilibrista". Música que impulsiona o corpo a se mover pelas extremidades que pulsam e ressoam até o centro. Corpo suspenso, suspirando em profundidade. : "Só Tinha de Ser com Você", escrita por ele inteira numa capa de travesseiro me faz lembrar essa paixão de uma vida inteira.

"Ontem de manhã, quando acordei, olhei a vida e me espantei. Eu tenho mais de 20 anos. Eu tenho mais de mil perguntas sem respostas..." E assim sigo, me movendo e me perguntando sobre como e por que me mover. Continuo me (re)descobrendo em camadas desse corpo que vibra inteiro ao ser penetrado pelo timbre inigualável de Elis. Ela vive em cada uma de nós. Elis atravessa como uma flecha alcançando a profundidade das vísceras. Elis pulsa o sangue por entre as veias com intensidade única. E faz mover o esqueleto axial em fluxo. E deixa tudo mais vivo, mais quente, mais potente, como ela é.



BIOGRAFIAS COM ELIS

processo de criação de narrativas ficcionais em imersão com vida e obra de Elis Regina

Grande surpresa para os goianos: Elis Regina faz show no Estádio Serra Dourada, promovido pelo Festival do Colégio Objetivo, no fim de 1970. Enquanto isso, eu nascia em Sobradinho-DF, em um hospital universitário que logo foi desativado.

O Brasil enfrentava num momento político turbulento marcado por repressões, censuras, escutas, perseguição aos oponentes do governo militar, desaparecimentos e exílios políticos. Se não eram a favor do governo, eram contra, desde março de 1964 quando se instalou o golpe militar. Os jovens lutavam por direitos voltados à liberdade de expressão e eu lutava por leite materno, por alimento que preenchesse o vazio da barriga. O som que escutavam com frequência era o de uma criança chorando e o de uma mãe inexperiente no trato maternal. Elis ressoava pela casa com estrofes desconcertantes em tempos de represálias: “o Brasil é governado por gorilas.”

Quando minha mãe cantava as músicas de Elis Regina na beira do tanque, com muita água, o espaço aéreo se preenchia com uma voz melodiosa de timbre brilhante. A situação difícil em casa era amenizada por essa infância cantada com exalações musicais ora doces, ora tristonhas. A voz da alma estava lá, mas não poderia falar o que realmente se passava no coração. O ideal para o momento era o travesseiro; o silêncio; o choro silencioso. As “Águas de Março” fecham o verão, porém, abrem o outono de vidas secas. Alçam a voz para encontrar apoio em um universo de sonhos camuflados pelos dissabores.



BIOGRAFIAS COM ELIS

processo de criação de narrativas ficcionais em imersão com vida e obra de Elis Regina

Por quanto tempo ainda vai ecoar e viver o nome Elis Regina na cultura brasileira? Eu já conhecia Elis, sem ao menos conhecê-la de verdade. Isso começou por causa do encontro com a música "Como nossos pais", que está gravada em minhas sensações e lembranças desde a infância. Tentar cantá-la junto de Elis traz a mim a sensação de que talvez haja uma voz parecida em mim, porque faz ressoar uma energia muito forte. Segundo o filho mais velho da Elis, João Marcelo, esta é a música mais tocada da mãe. Uma música mais atual que nunca... que conheci nos anos 2000, num período musical em que a cultura periférica era alimentada por estilos musicais da moda, como o início do sertanejo universitário, o funk carioca, o axé Bahia, o forró eletrônico, além do jovem estilo musical RAP Nacional.

Ouvir e entender que estava ouvindo uma música considerada um clássico pelas poucas pessoas à minha volta que a conheciam, e também a cantora Elis Regina, foi bastante importante no meu desenvolvimento musical, poético e afetivo.

Outra música que me afeta é "Romaria". Tenho origem nordestina, católica e sertaneja, e por algum motivo essa música me remete à trajetória da minha família. Sinto que grande parte da música brasileira ouvida até hoje passou por esse canal catalizador vocal chamado Elis Regina. E foi um choque para mim ainda criança descobrir que eu estava ouvindo música de alguém que nem estava mais viva.



BIOGRAFIAS COM ELIS

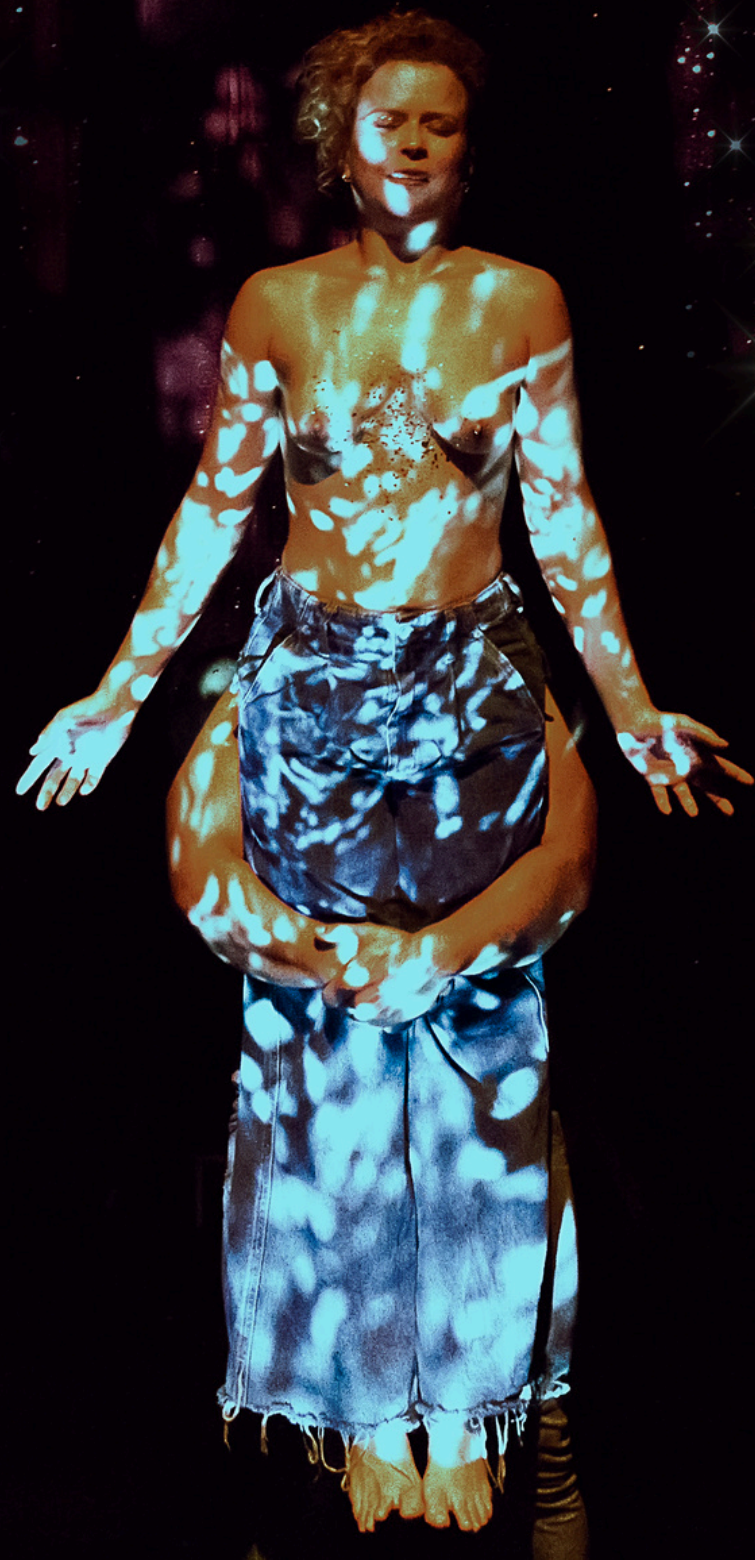
processo de criação de narrativas ficcionais em imersão com vida e obra de Elis Regina

Nasci no carnaval de 1989, ano em que a escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, do Rio de Janeiro, realizou o seu desfile em homenagem à cantora Elis Regina. Alguns críticos dizem que o desfile foi um desastre devido à escola não ter conseguido retratar o poder representado pela homenageada. Nesse mesmo ano, foram realizadas as primeiras eleições diretas desde 1960. Visivelmente não era um ano de festa, mas sim de revolução, eu até gosto das festas, mas particularmente prefiro as revoluções.

Conheci a música de Elis por meio de um tio que era policial militar. Um dia, em sua casa, em que ele escutava sambas-enredo, sua paixão colecionável, no volume máximo, entregou-me uma baqueta e tocou a música "O Bêbado e o Equilibrista" para tocar bem alto. Perguntei o que significava a música. Ele deixou de cantarolar a letra, acalmou a voz e disse: "É uma conversa de bar. São dois amigos que se encontram e conversam sobre a vida". E continuamos ouvindo aquela música e tocando o tamborim, admirando a musicalidade de Elis e a genialidade de João Bosco, que buscava fazer uma revolução via ondas sonoras com aquela música apelidada como o Hino da Anistia. O recado chegou, mas infelizmente até hoje nem todos entenderam o sentido dessa canção.

As lembranças das vezes em que Elis cruzou o meu caminho vêm da minha família. Tento puxar na memória e consigo visualizar o sorriso da minha mãe cantando algumas músicas, lembro de uma capa velha de um disco da Elis no meio dos discos do meu pai e tenho em minha memória algumas músicas que devo ter aprendido a cantar quando criança.

A arte dela me move, me inspira e me faz acreditar que podemos ser atemporais como Elis Regina.





ACESSE AQUI O

CLIPPING

ACESSE AQUI UM DOS VÍDEOS DE
REGISTRO DA OBRA COREOGRÁFICA

AQUÁRIO DE ALMAS SUTIS

corpos estelares
e falsos brilhantes

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC/DF)

Realização



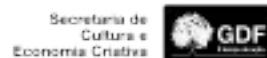
Produção



Apoio



Apoio



Registro Audiovisual recebido em 15/11/2024 e aprovado em 18/12/2024.

DOI: <https://doi.org/10.26512/vozcen.v5i02.56140>

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

ⁱ Diego Pizarro - Artista da dança e do teatro. Professor efetivo da Área de Dança do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), desde 2010, onde coordena o grupo de pesquisa CEDA-SI – Coletivo de Estudos em Dança, Somática e Improvisação. Realizou pesquisa pós-doutoral (2022-2023) sobre Somática da Voz na Universidade de Brasília, bolsista CAPES/BRASIL. É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), desde 2022, onde também finalizou o Doutorado (2020), com período sanduíche na *University of North Carolina at Greensboro* (UNCG, 2019), supervisionado pela Dra. Jill Green. Recebeu o Prêmio Capes de Tese 2021 na área de Artes, com o trabalho *Anatomia Corpoética em (de)composições: três corpos de práxis somática em dança*. É professor certificado em *Body-Mind Centering*SM e outras aventuras somáticas. diego.pizarro@ifb.edu.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9234283915775043>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8655-0489>

ⁱⁱ This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

